

cc, 5
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS

*REVISTA DE HISTÓRIA
DAS IDEIAS*

VOL. II



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978-1979

cista e sem talento» (Introdução, p. 14). Para além do maior ou menor entendimento teórico da fisiocracia, das teses de Quesnay, de Gournay, de Le Mercier de la Rivière, de Dupont de Nemours, ou de muitos outros, e atentos ao facto de que os nossos teóricos fisiocratas vivem numa época de maquinofactura, lêem Smith, e têm perante si a macrocefalia comercialista e o atraso estrutural global do país, não podemos deixar de ver em muitas das suas intervenções o resultado, mais da perplexidade do que da falta de talento ou da menor aplicação a uma arquitectura de doutrina.

Os fisiocratas portugueses estavam predispostos a efectivas transformações, embora seja necessário inserir o seu labor intelectual e prático nas concepções do absolutismo polemizado em 1789, do influxo legislativo e executivo pombalino, e do esforço de permeabilização de uma mentalidade receptiva a transformações técnicas do espaço português, de levantamento estrutural e de adequação à prática do pendor politécnico que a Universidade pombalina, através da Faculdade de Filosofia, ia tomando.

Carlos da Fonseca aflora, também, na sua Introdução, o tema da fixação da taxa de juros — tema candente da história do pensamento económico português até ao século XIX, pelas incidências morais e políticas de que se revestiu — e que encontrou tratamento significativo por parte do fisiocrata Tomás António Vila Nova Portugal.

JOSÉ ESTEVES PEREIRA

BARTOLOMÉ BENASSAR — *L'homme espagnol. Attitudes et mentalités du XVI^e siècle au XIX^e siècle*, Paris, Hachette, 1975, 252 pp.

O título do livro é esclarecedor quanto ao objectivo do autor. E igualmente, quanto à área da História em que o mesmo se situa. Por um lado, Bartolomé Bennassar pretende desenhar o perfil do «homem espanhol»; por outro, é sobre história das mentalidades que vai escrever.

É evidente que a finalidade do livro — livro, diga-se, desde já, extremamente interessante e imaginativo — põe, no tocante à sua execução, dificuldades várias; dificuldades que aumentam, ao pensar-se nos próprios óbices que a história das mentalidades, dada a sua natureza, pode levantar quanto à sua própria teorização. Concretamente, por um lado, quanto à metodologia a seguir na «captação» da realidade histórica que é a sua, por vezes, femininamente esquivada e movente por nela confluiem temas e problemas que, não sendo os seus, deles não pode, no entanto, prescindir; por outro, quanto à própria inteligibilidade da realidade histórica sobre que se debruça, quando a construção, não podendo dispensar a intuição e a argúcia, terá sempre racionalmente que fundar aquelas, sob pena de se fazer, não obra científica de história, mas, tão-só, obra jornalística (e má), senão obra mais ou menos fantasiosa.

Estas, são coisas que Bartolomé Bennassar conhece muitíssimo bem, não deixando, aliás, de a elas se referir. Assim, os limites cronológicos não parece que se possam deixar de considerar como demasiado extensos, quando, ao tema do homem espanhol (tão rico e tão complexo) que se quer patentear, se reservam, tão-só, cerca de 250 páginas... Do mesmo modo, poderá perguntar-se se não se poderia ter ido mais longe, quanto ao apoio dado pelas fontes em relação às hipóteses e às teses formuladas. Isto, bem entendido, sem querer significar que os juízos expressos não estejam fundamentados, e sem tirar o mérito (real) aos critérios utilizados. A este respeito, saliente-se a mestria e o a-propósito usados, designadamente, no tocante à utilização dos elementos estatísticos, na esteira de uma orientação que vem da moderna história serial.

As perplexidades apontadas resultam directamente, aliás, das próprias exigências metodológicas que estão no espírito de Bartolomé Bennassar, e do alto sentido que igualmente tem daquilo que é verdadeiramente histórico. Porque Bartolomé Bennassar recusa abertamente a abstracção e o esquema, quando opta por colocar, diante do seu leitor, não «uma certa representação mental da Espanha» que estaria de acordo com uma «história linear», mas, pelo contrário, quer pôr uma realidade que não omita ou não apague as «diversidades» dos séculos e das Espanhas. Isto é, uma realidade concreta, em vez de uma «visão uniforme» das coisas. Pot outras palavras, em vez de um perfil-arquétipo.

A problemática pensada por Bartolomé Bennassar é extremamente ampla. E extremamente complexa também. Mas não podia deixar de ser assim, quando o que se pretende é dar conta da Espanha do Antigo Regime, ou, mais precisamente, do Espanhol do Antigo Regime. O autor, ainda aqui, tem a clara noção de que o seu livro é, sobretudo, uma «tentativa» de abordagem; e uma tentativa «incompleta». E de que certas hipóteses e certas ideias são «frágeis» para dar a razão da totalidade das contradições encontradas. Dada a extensão do assunto, e as 250 páginas que são as do livro («L'auteur le sait»...).

As perplexidades, há pouco referidas (quanto ao tema e às fontes), têm aqui, de algum modo, (nesta área de questões) a sua resposta e o seu complemento. Quando se pensa nas dificuldades de apreensão das coisas que constituem o objecto próprio da história das mentalidades; e quando se pensa nas dificuldades de construção teórica a partir dessas mesmas coisas. Isto é, quando se pensa que o seu objecto, mais do que em qualquer outra área do «território do historiador», para se usar a expressão consagrada de Emmanuel Le Roy Ladurie, é um objecto «construído». Por isso, quando parece ser mais relevante a congruência dos dados obtidos na pesquisa, do que os próprios dados que estão nas fontes, falhos de sentido, enquanto desligados. Porque estes, só articulados e homogeneizados numa unidade lógica, e situados, porque dotados então de uma certa estabilidade temporal, na longa duração, podem servir ao historiador.

Ora, quando o que se procura — e é esse, precisamente, o caso — é apreender o Antigo Regime espanhol, mais no plano da existência, do que no das instituições ou no dos acontecimentos, então o conhecimento será tanto maior, quanto o fôr a validade das coerências arquitectadas. Ou, o que é o mesmo, afinal, «encontradas». A este respeito, poderá dizer-se que Bartolomé Bennassar, dentro dos objectivos que se propôs e dos critérios que tomou, se vai revelar um excelente inventor de coerências, tirando das fontes que usa, o máximo de força probatória e o

máximo de força sugestiva. E pondo os factos, os problemas e as soluções, com largueza de concepção, subtiliza e sensibilidade.

Poder-se-á dizer, no entanto, que, de alguma maneira, Bartolomé Bennassar tenha preferido narrar mais do que explicar. Se é certo, com efeito, que da narração se «destaca» o perfil do homem espanhol, certo é que a nitidez do retrato poderia eventualmente ter resultado mais clara (isto é, mais inteligível e mais profunda), se a narração dos factos e das grandes estruturas explicativas (porque, em última análise, a história tem de ser sempre narrativa) se fizesse no quadro de uma explicação global que concorresse, se assim se pode dizer, paralelamente, com a própria narração. De modo a que esta explicitasse aquela. Mas isto, quem sabe!, talvez não estivesse ou não pudesse estar no espírito do autor, tratando-se de uma abordagem de problemas (de uma tentativa...) e dentro da amplitude do seu objecto.

Qual vem a ser então o propósito da narrativa de Bartolomé Bennassar? Mais precisamente, quais vêm a ser, por força do que se acaba de dizer, porque só isso pode ser, os grandes temas que vão constituir o tema da sua reflexão? Pois são aqueles que podem definir uma existência concreta. São, assim, o tempo e o lugar em que se vive, isto é, em que a existência decorre. E aquilo de que é feita essa mesma existência, e lhe vai conferir o sentido. E as grandes coisas: as crenças religiosas, o poder, o trabalho, a riqueza, o amor, a morte. Mas igualmente o divertimento e a festa; e também, a «honra», a violência, o «parecer» de certo modo. Etc.

Todas estas coisas na sua concreção fáctica e nas suas variações temporais. Porque a história é a preocupação do autor. Assim se compreende que o perfil humano que se pretende desenhar também não possa ser um perfil inalterável. Porque não se trata de pensar uma forma abstracta e intemporal de existência (porventura, o tema do filósofo), mas de a transportar para conceitos rigorosamente históricos capazes de dar conta das «diferenças» quanto ao conteúdo e ao tempo. Com efeito, é isto (sobretudo isto) que importa realmente ao historiador.

São nove, os capítulos que compõem o livro de Bartolomé Bennassar. Todos, sem excepção, claros, sugestivos, penetrantes.

Nos três primeiros (uma introdução?), propõem-se as figuras exemplares (os «modelos»), e mostra-se qual era o tempo em que se vivia e qual o lugar que o Homem Espanhol ocupava.

É uma visão — ampla — da Espanha que o autor vai dar através dos tipos humanos que considera mais significativos; e que dão da Espanha, igualmente, uma imagem diversificada, nos seus comportamentos, atitudes e formas de vida essenciais; o primeiro traçado do perfil mental que se busca para o Homem Espanhol. O tempo, esse, era um tempo que não era o nosso, o actual. O tempo não se apresentava, então, como «uma abstracção matemática»; muito pelo contrário, era um tempo estável; difícil, hoje, de entender (melhor: de tomar consciência). Porque o tempo tinha um conteúdo religioso que ia influir, de forma decisiva, nos seus próprios ritmos — o do ano, do mês e da semana. Já que não havia uma plena consciência das horas. Era assim uma percepção qualitativa que se tinha do tempo, e não uma percepção quantitativa. Percepção esta que correspondia a uma «existência quotidiana saturada de religião». E havia, depois, o espaço. Um espaço que permanecia o mesmo. Da mesma forma que o tempo permanecia estável. Era um espaço que durava enquanto o tempo se coisificava.

Compreende-se assim que se fosse modelando, insensivelmente, «um universo mental», quando a «relação entre o homem e o espaço» e entre o homem e o tempo gozavam de tão longa estabilidade.

Os seis capítulos seguintes tratam de coisas que vão revelar a existência; que são definitivamente a própria existência. Aquela que decorre num espaço e num tempo idênticos. A religião que, numa primeira impressão, por isso, poderia supor-se ter contribuído para a consolidação daquele universo mental, não teve afinal esse efeito. A vida religiosa, de facto, não permaneceu inalterável, porque a sua autenticidade, com o tempo, se foi empobrecendo. Não faltaram, também, as inquietações religiosas e as controvérsias. E o terreno cultural viria a mostrar-se não tão desfavorável que não permitisse que medrasse um anticlericalismo que viria a explodir, com carácter nitidamente anti-religioso, já no século XX. E o trabalho? Qual a atitude do Homem Espanhol face ao trabalho? Quando se pensa que a escravatura não foi (jamais) um modo de produção, pode compreender-se como o trabalho (mecânico, entenda-se) não seja um fim em si mesmo; como o Homem Espanhol, pode precisar, segundo a expressão de Américo de Castro, «de quem lhe façam as coisas»; e como o ideal seja o da vida contemplativa. E ainda a lógica que daqui prossegue, e que vai justificar uma concepção medieval da pobreza, em que o pobre não se sente pobre (o pobre é livre!), e em que o rico se torna cúmplice daquele, porque, um e outro, não esperam mais do que os meios de viver. E, como tudo se pode e vai esperar de um Estado feito providência; e como a riqueza, o êxito e o poder, se podem vir do trabalho, podem resultar também, e sobretudo, do serviço prestado ao Estado. Ou, como se dizia no tempo de Cervantes, de três grandes opções: «Iglesia, o Mar, o Casa Real».

Riqueza, porém, que vai ser desbaratada. Que vai ser queimada. Num instante. Porque a vida não é feita da acumulação dos anos, mas está no viver intensamente. Em vez, pois, de constituir motivo para a criação de nova e multiplicada riqueza, vai ser consumida, de preferência, na festa, no divertimento e no «parecer». Compreende-se assim a realidade histórica da permanência, não só da festa, como do divertimento: a dança, o jogo, a «tertulia». Como se pode entender uma certa dialéctica, se é permitido dizê-lo, que existia entre estas coisas e o trabalho. É a exaltação do instante, no dizer de Bartolomé Bennassar, traduzindo a resistência aos valores e às virtudes burguesas. Não estará presente esta exaltação, porventura, no interesse dos espanhóis pelos problemas do amor e do sexo? Interesse que era generalizado e permanente? Amor que não constituía, por outro lado, motivação prévia para o casamento, embora o valor deste juízo não deva ser exagerado. Exaltação, afinal, que se vai encontrar na «paixão nacional» em que se traduz o culto pela «honra» e que pode ir até à prática da violência? E que, como «património nacional» se vai encontrar expresso, tantas vezes, na linguagem política? E no desejo-exaltação de «morrer bem»? Desejo-exaltação que é também desejo de superação, em que o homem revela a sua coragem, «sa maítrise de lui-même». E que, por isso, serve também a reputação. Mas que é também justificação para «viver bem».

Não se poderá dizer, depois da leitura do livro de Bartolomé Bennassar, que não se fique a conhecer melhor a Espanha. Do seu passado? Certamente. Mas, igualmente, do que a Espanha é — hoje. Ou não fosse a história, também, pedagógica do presente. Este não será, aliás, um dos seus menores méritos. Livro

que vale ainda pela vibração do estilo. O que não é defeito. Pois que o historiador não tem que ficar necessariamente gelado perante o espectáculo das coisas que realmente aconteceram, como se desinteressasse da Vida. E Bartolomé Bennassar está a falar da Espanha e dos espanhóis.

Duas notas finais. Primeira: não faltam as referências a Portugal e aos portugueses. Segunda: porque não, no fim do livro, um índice onomástico e um índice ideográfico? O livro não perderia certamente; antes pelo contrário. E uma recomendação — ainda —, se não for considerada ousada; e que brota irresistivelmente deste livro de Bartolomé Bennassar, como incentivo para os historiadores portugueses. Agora, que tanto se fala em identidade nacional, para quando, o perfil do homem português?

JOÃO FRANCISCO DE ALMEIDA POLICARPO